

Viciemo-nos, então, nos LIVROS e tornemo-nos mais livres!

Adriano Milho Cordeiro¹

Resumo: Sempre que abrimos um livro partilhamos de imediato as suas vozes, reescrevemos os vislumbres da nossa existência, tornando-nos (co)autores participantes de uma infindável cadeia de espaços, experimentos e viagens. Sempre que descerramos um livro percorremos locais reais e imaginários, mesclamos vozes, línguas, vivências, somos (in)conscientemente leitores e autores parciais de todas as eras, pois todos nós somos resultado de memórias que se integram numa cultura que dialoga com outras culturas, épocas e tradições. Destarte, os livros permitem de forma real ou virtual resgatar o homem da sua temporalidade. Os livros são as nossas vozes internas, as lembranças criativas da nossa humana inquietude! A fruição das palavras e imagens neles inscritas geram em nós o desassossego, provocam impressões e alvoroços que nos ligam ao passado, a outras linguagens feitas de muitas reminiscências. Os livros são 'casas de terapia', 'um encontro experiencial, inquieto e intenso com a Arte, connosco próprios e com os outros'. Como potenciadores do imaginário, os livros impelem para o ócio e para o anseio de 'partir à descoberta' de lugares potenciadores de transformações pessoais, de analisar espiritualmente ou in loco a comensuração efetiva e real de espaços e épocas. Irene Vallejo Moreu em O infinito num junco mostra-nos que 'os livros superaram as provas dos tempos, demonstraram ser corredores de longas distâncias' apesar das 'revoluções ou do pesadelo das nossas [inquietantes] catástrofes'. Os livros contam as nossas histórias, mantêm vivas as nossas ideias e projetam sonhos futuros, outros livros e muitas mais estórias ainda a haver. Cada um de nós é um livro simplesmente único.

Palavras-chave: biblioteca; internet; memória; magia; musa.

Abstract: Whenever we open a book we immediately share its voices, we rewrite the glimpses of our existence, becoming (co)authors participants of an endless chain of spaces, experiments and travels. Whenever we open a book, we travel through real and imaginary places, we mix voices, languages, experiences, we are (in)consciously readers and partial authors of all eras, because we are all the result of memories that are integrated in a culture that dialogues with other cultures, times, and traditions. Thus, books allow us, in a real or virtual way, to rescue man from his temporality. Books are our inner voices, the creative memories of our human restlessness! The fruition of the words and images inscribed in them generate restlessness in us, provoking impressions and stirrings that connect us to the past, to other languages made of reminiscences. Books are 'therapy homes', 'an experiential, restless, and intense encounter with Art, with us, and with others. Books create the imaginary and impel us to leisure and to the desire to 'set out to discover' places that potentiate personal transformations, to analyze spiritually or in loco the effective and real commensuration of spaces and times. Irene Vallejo Moreu in- The Infinite in a Reed -shows us that 'books have overcome the test of time; they have proved to be long distance runners' despite 'revolutions or the nightmare of our [disturbing] catastrophes. Books tell our stories, keep our ideas alive and project future dreams, other books and many more stories yet to come. Each of us is simply a unique book.

Keywords: library; internet; memory; magic; muse.

¹ Adriano Milho Cordeiro é investigador da FLUC – UI&D-CLP, (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra – Unidade de Investigação e Desenvolvimento do Centro de Literatura Portuguesa). Doutor em Estudos Clássicos, Poética e Hermenêutica, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Contacto: adrianomilhocordeiro@gmail.com

Ao contrário de tantos outros vícios, o dos livros é, na verdade, uma virtude. De facto, ter livros não é o mesmo que, por exemplo, ter dinheiro. Ter livros é como ter amigos, ter dinheiro é como ter com que pagar a amigos.

Afonso Cruz (2021). *O vício dos livros*. Lisboa: Companhia das Letras, 65.

Os livros transcendem eras, superam as marcas dos tempos e demonstram ser corredores de longas maratonas, atravessando, em certas circunstâncias, séculos e até milénios. São nossos cúmplices² numa contínua luta para preservar os nossos preciosos inventos. Transmitem-nos a herança escrita de muitos dos nossos murmúrios. Sem eles as palavras não passariam de sopros alados que depressa se esvaem. O registo das humanas palavras nesses objetos frágeis tem permitido que os conhecimentos que tomamos no momento como verdadeiros se tornem provisórios, se transformem em história “que vamos arranhando na dura rocha da nossa ignorância”.³

Os saberes insertos nos livros dão origem a novos conhecimentos, a mudança de ideias, a revoluções. É certo que o colérico *furor* humano que os ventos do tempo transportam de quando em vez, mais do que a ira dos elementos água, fogo, ar e terra, tem destruído de forma bárbara, relatos escritos, reescritos, manuscritos e transcritos de forma apaixonada ao longo de muitas gerações. No entanto, o que para uns tem de ser destruído, para outros é êxtase e admiração. O louco sonho de copiar, essa obsessão megalómana, esforçada e viciante dos criadores da Biblioteca de Alexandria deixou para sempre traços impossíveis de extinguir. Diz-nos Irene Vallejo que “[a] Biblioteca de Alexandria era uma enciclopédia mágica que congregou o saber e as ficções da Antiguidade para impedir a sua dispersão e a sua perda. Mas também foi concebida como um espaço novo, do qual partiam as rotas para o futuro.”⁴

As aladas palavras, sopros fugazes dos nossos pensamentos, registadas em livros tendem a tornar-se intemporais e a descerrar os caminhos do porvir. Mesmo que dementes humanos ordenem a destruição de obras por motivos que lhes parecem certos ou morais e julguem para sempre silenciadas as ordenações de palavras que denominamos por livros, ficará sempre o reflexo, ainda que residual do que foi gravado, reescrito e copiado dezenas de vezes. A paixão pelas ideias insertas nos livros funcionará perpetuamente como uma espécie de terapia para quem as quiser escutar, prenunciar e

² Vide Vallejo 2020a: 19.

³ Vallejo 2020a: 19.

⁴ Ainda em relação à Biblioteca de Alexandria afirma Vallejo 2020a: 39 que “[a]s bibliotecas anteriores eram privadas e estavam especializadas nas matérias úteis para os seus donos. Até as que pertenciam a escolas ou grupos profissionais amplos eram apenas um instrumento ao serviço das suas necessidades particulares. A antecessora que mais se aproximou à Biblioteca de Alexandria – a biblioteca de Assurbanipal em Nínive, no norte do actual Iraque – destinava-se ao uso do rei. A Biblioteca de Alexandria, variada e completíssima, englobava livros de todos os temas, escritos em todos os cantos da geografia conhecida. As suas portas estavam abertas a todas as pessoas ávidas de saber, aos estudiosos de qualquer nacionalidade e a todo aquele que tivesse aspirações literárias provadas. Foi a primeira biblioteca da sua espécie e a que mais perto esteve de possuir todos os livros que existiam naquela altura. Para além do mais, aproximou-se do ideal mestiço do império com que Alexandre sonhava. [...] A Biblioteca abriu-se à medida da amplitude do mundo.”

experimental. Desde há milénios que as registamos em livros que foram mudando de formato com o passar dos tempos, com a descoberta de novas técnicas, materiais e modos de observar o mundo. Para Vallejo

“[h]á algo assombroso no facto de termos conseguido preservar as ficções urdidadas há milénios. Desde que alguém narrou pela primeira vez a *Iliada*, as peripécias do velho duelo entre Aquiles e Heitor nas praias de Troia nunca mais caíram no esquecimento. [...] [A] humanidade desafiou a soberania absoluta da destruição ao inventar a escrita e os livros. Graças a essas descobertas, nasceu um espaço imenso de encontro com os outros e produziu-se um fantástico aumento da esperança de vida das ideias. De alguma forma misteriosa e espontânea, o amor pelos livros criou uma cadeia invisível de gente – homens e mulheres – que, sem se conhecerem, salvaram o tesouro dos melhores relatos, sonhos e pensamentos ao longo do tempo.”⁵

Nascidos num tempo e num mundo muito distintos e distantes do nosso, na época das ‘palavras aladas’, os Poemas Homéricos⁶ são a matriz constante da cultura e da poesia grega. “A *Iliada* é o primeiro livro da literatura europeia”⁷ e a “*Odisseia* homérica é, a seguir à Bíblia, o livro que mais influência exerceu, ao longo dos tempos, no imaginário ocidental”⁸. A sua transmissão fez-se oralmente até ao século V a.C. pela recitação de rapsodos e aedos.⁹ Depois, paulatinamente, começámos a conservar¹⁰ as obras poéticas e filosóficas em papiro, pergaminho ou papel, defendendo-nos da inexorável fugacidade que a vida efémera de cada ser humano enclausura em si mesma. Com o decorrer das centúrias a técnica de conservação da escrita e consequentemente dos livros evoluiu. Os prognósticos de alguns de que a era que vivemos substituirá os livros por dispositivos eletrónicos, cremos, não se tornará realidade total e absoluta. Sobrarão sempre fragmentos do velho mundo, nichos sagrados e secretos de estantes e a sua indescritível beleza viciante levará a que alguns os conservem e reproduzam. Os livros serão sempre uma espécie de fac-símile dos nossos sofrimentos, dos nossos júbilos,

⁵ Vallejo 2020a: 405-406.

⁶ Acerca da atribuição da autoria da *Iliada* e da *Odisseia* a Homero veja-se Lourenço 2019a: 9.

⁷ Lourenço 2019a: 9.

⁸ Vide Lourenço 2019b: 13. Não deixa de ser interessante a afirmação de Colen 2015: 181 quando compara a Bíblia e os Poemas Homéricos. Diz o estudioso que “é um lugar-comum chamar a atenção para as referências de Platão a Homero, dizendo que a *Iliada* e a *Odisseia* tinham na Grécia clássica a mesma autoridade que a Bíblia teve durante milénios no Ocidente: é não só a obra-prima da literatura, mas a fonte da religião, o retrato dos heróis e o modelo dos comportamentos, o repositório de referências culturais, senão uma enciclopédia do saber tradicional, entre muitas outras coisas.”

⁹ Sobre a distinção entre aedos e rapsodos veja-se Pereira 1993: 147.

¹⁰ No que diz respeito à conservação e permanência dos livros, Vallejo (2021: 74-75) destaca a fragilidade destes objetos que tiveram quase todos, à partida, “mais probabilidades de desaparecerem do que de permanecerem”, uma vez que “a sua sobrevivência dependia do acaso, dos acidentes, do apreço que os seus proprietários sentiam por eles” e lembra, também, que as térmitas e a humidade tiveram a sua quota parte no silenciamento das vozes supostamente perpetuadas pela escrita.

das nossas verdades e ficções da vida dos nossos inventos. Os livros “[c]omo diz Umberto Eco, pertence[m] à mesma categoria do que a colher, o martelo, a roda ou a tesoura. Depois de inventados, não se pode fazer nada melhor.”¹¹ Declara Vallejo que

“[s]omos os únicos animais que fabulam, que afugentam a escuridão com histórias, que aprendem a conviver com o caos graças aos relatos, que atizam as brasas das fogueiras com o ar das suas palavras, que percorrem longas distâncias para levarem as suas histórias aos estranhos. E, quando partilhamos os mesmos relatos, deixamos de ser estranhos.”¹²

Afonso Cruz salienta que “[n]a biblioteca do faraó Ramsés II estava escrito por cima da porta de entrada: «Casa para terapia da alma.» É o mais antigo mote bibliotecário.”¹³ Além disso, os livros trazem conhecimento para a mente. Para Vallejo “[a] invenção dos livros foi talvez o maior triunfo na nossa tenaz luta contra a destruição.”¹⁴ E acrescenta que “[a] gramática partilhada que os nossos mitos e os nossos conhecimentos nos proporcionaram multiplica as nossas possibilidades de cooperação, unindo leitores de diferentes partes do mundo e de gerações sucessivas ao longo dos séculos.”¹⁵ Adita ainda Vallejo: “[s]em os livros, as melhores coisas do nosso mundo teriam caído no esquecimento.”¹⁶

Os livros proferem-nos conceitos, ideais, histórias e ciência. Esta ideia leva a que Afonso Cruz escreva que os livros têm voz, asseverando:

“[s]e os objetos falam, como qualquer arqueólogo sabe, os livros estão entre os objetos mais eloquentes de todos. Ao gravar histórias, gravamos almas. Esse futuro anunciado de podermos descarregar-nos para um computador existe no modo como nos escrevemos, ou seja, como escrevemos as nossas histórias. É certo que estas podem ser transmitidas oralmente, mas a eficácia do livro é imensa e capaz de preservar a alma de quem o escreveu. Mas não se limita a salvar seres humanos do olvido, fá-lo com muitas outras coisas: antigos navios, muralhas e templos, árvores, flores, caminhos, vulcões, pedras, chuva tudo isto se plasma nas palavras e subtrai-se à sua própria efemeridade.”¹⁷

É convicção de muitos que poesia e ficção terão dado sentido à humana vida há milénios, num tempo umbroso sem quaisquer registos. Sobrou-nos, ainda assim, a arte lavrada nas pedras das cavernas ou ao ar livre. As gravuras do vale do Coa ou as pinturas na gruta no Escoural, no Alentejo, são disso exemplo em território português.

¹¹ Vallejo 2020a: 18.

¹² Vallejo 2020a: 405.

¹³ Cruz 2021: 76.

¹⁴ Vallejo 2020a: 398.

¹⁵ *Idem, Ibidem.*

¹⁶ Vallejo 2020a: 401.

¹⁷ Cruz 2021: 116-117.

Mais tarde a senda humana de firmar contabilidades, escritas e ficções levaram os nossos antepassados a buscar materiais que perpetuassem tais ações. Do assentamento das coisas práticas ao assentamento das ideias poéticas e de narrativas foi um pequeno passo. A forma de arrolar ideias foi evoluindo. Trata-se de uma ‘cadeia’ com mais de seis mil anos.

Na atualidade, apesar da acelerada evolução tecnológica, precisamos de poesia e de alcançar ficções que concedam sentido ao cosmos. A leitura de histórias pode tornar-se um hábito, quase obsessivo, de tal modo que Afonso Cruz em *O vício dos livros*, obra repartida em trinta e uma secções, remete-nos para o fantástico mundo das palavras e para a poesia que delas emana. Na secção intitulada *Contar para, mais do que viver séculos, morrer feliz* o narrador fala-nos da sua avó,

“já demasiado cansada, tinha quase cem anos, dizia que Deus se esquecera dela e que já cá não estava a fazer nada, mas ficava particularmente feliz quando, sentada na sala ou à mesa da cozinha, contava as suas histórias, partilhava as suas memórias. Pelo sentimento de plenitude de as ter vivido e de as poder contar, havia nela uma pacificação em relação à morte.

Há uma luz que intuímos nestes momentos, uma «luz por dentro», tal como Mário Quintana tituló um dos seus textos, do livro *Caderno H*: «Mas há uma beleza interior, de dentro para fora, a transluzir de certas avozinhas trêmulas, de certos velhos nodosos e graves como troncos. De que será ela feita, que nem notamos como a erosão dos anos os terá deformado. Deviam ser caricaturas mas não fazem rir, uns aleijões mas não causam pena. (...) Eu gostaria de acreditar que essa inexplicável beleza dos velhos talvez fosse uma prova da existência da alma.»

Suspeito que essa «luz por dentro» sejam histórias e que a inexplicável beleza dos velhos seja precisamente a prova da existência de uma vida.”¹⁸

As histórias gravadas nos livros permitem-nos ‘ver’ “essa luz por dentro” que acontecimentos antigos refletem. “Para os gregos, ver é saber.”¹⁹ “Lembrar um acontecimento do passado é trazê-lo à mente, vê-lo, descrevendo-o como se estivesse a acontecer diante dos nossos olhos.”²⁰ A entrada nesse mundo passado requer “um conhecimento com um carácter marcadamente visual que é transmitido pelas musas aos poetas, em conexão com a natureza visual das lembranças destes”.²¹ Além disso, “o aedo, por sua vez, transmite e torna presente junto do seu público a sua visão dos acontecimentos por meio de várias estratégias enunciativas.”²² Para Clay a récita dos

¹⁸ Cruz 2021: 21.

¹⁹ Veja-se Clay 2011: 16.

²⁰ Cf. Bakker, E. J. (2005), *Pointing to the Past: From Formula to Performance in Homeric Poetics*. Cambridge: MA. (63; 146), citado por Clay 2011: 17.

²¹ Clay 2011: 17.

²² Idem, *Ibidem*.

aedos produzia um prazer que libertava o auditório das preocupações individuais e das apreensões comuns.²³ A mesma autora acrescenta que os poetas, ao recordarem as histórias épicas, distraíam o auditório e isso fazia com que os ouvintes deixassem para segundo plano as suas preocupações mundanas. Essa “diversão prazerosa” tem, para a professora norte-americana, “algo de mágico, um feitiço encantador, *thelxis*, que Homero compara ao poderoso prazer do sexo ou aos efeitos entorpecentes da droga.”²⁴ Clay adita que “ao deixamos para trás o nosso mundo quotidiano, entramos numa dimensão maior do que a nossa por meio da *mneme* do poeta implantada pela Musa.”²⁵ De facto, estes dois mundos, aparentemente, não podem acontecer ao mesmo tempo, pois quando “o mundo épico toca de muito perto a experiência pessoal, o resultado não é de prazer, mas de dor, como acontece com Ulisses e Penélope na *Odisseia*: o primeiro, quando ouve as canções de Demódoco sobre a Guerra de Troia; a segunda, quando ouve Fémio recontar os *nostoi* dos gregos.”²⁶ Assim, segundo Clay, “não só o encanto da narração épica nos distrai das preocupações normais, mas também o seu poder de encantar exige que mantenhamos uma certa distância. O espaço constituído pela narração épica do aedo, situa-se, portanto, paradoxalmente, perto e longe.”²⁷ Nesse sentido em que nos posicionamos próximos e distantes afiança Afonso Cruz que

“[s]omos pó, como nos garantiu Job, mas também podemos ser tinta. Ao escrever, passamos os nossos pensamentos para outro corpo, como para uma folha de papel, por exemplo. Transferimos a alma para papel, e o mais notável é que bem possível que essa alma, num corpo tão frágil como uma folha, nos sobreviva. Passados mil anos, o pensamento de alguém que há muito se transformou em pó subsiste numa folha de papel.”²⁸

Necessitamos de mitos, de arquétipos, de escritas laboradas há muito. “A crise do nosso tempo é uma crise deles, ou seja, de uma civilização privada deles. Ter algo não apenas que pense por nós mas em que fundemos o nosso pensar, sem sabermos que é um seu fundamento.”²⁹ A nossa essência carece da leitura de histórias e poesias antigas, há muito escritas e que de forma invisível alicerçam aquilo que hoje cumprimos. Aliás, como afirma Vergílio Ferreira

“num texto não há só a «letra» e o «espírito», o que nele se diz e o que *quer dizer*. Porque o espírito ainda se desdobra no que é o seu dizível e no que é indizível. Ou preferentemente, a indizibilidade e uma outra forma dela

²³ Clay 2011: 18.

²⁴ Idem. Também Orfeu tem o poder da *thelxis*, segundo Clare 2002: 232, o seu canto é capaz de encantar o fluxo dos rios e impor ordem à natureza selvagem. No campo trágico o poder da *thelxis* é também o poder da sedução, que pode ser entendido igualmente como logro. Cf. Diniz 2010: 71 e ss.

²⁵ Clay 2011: 18.

²⁶ Idem.

²⁷ Idem, *Ibidem*.

²⁸ Cruz 2021: 117.

²⁹ Ferreira 2013: 43.

que é já o irredutível ou o inominável. E é aí que se insere o mistério de uma língua, para lá do que em todas elas há de «intraduzível».”³⁰

Os livros permitem a sobrevivência das línguas, das culturas e das suas palavras e a sua paulatina evolução. Possibilitam ver as ações passadas e prever as futuras, desenvolvem competências e atuações (*performances*) ousadas. Sem eles o grego clássico, o latim, o sânscrito e tantas outras línguas do próximo oriente, do oriente e de outras partes do globo ter-se-iam perdido para sempre. Com eles histórias e lendas orais admiráveis foram libertadas de uma morte certa.

Os livros em diversos formatos proporcionam a sobrevivência das línguas, afastam-nas de um esquecimento definitivo. Na verdade, para resistir uma língua depende do poder político, mas depende também dos falantes, das suas leituras, da sua curiosidade, pelas memórias intemporais presentes nas histórias que expõem a nossa perene condição.

Podemos ter fé em algo, contudo necessitamos da luz dos livros. Carecemos de assentar todas as línguas vivas e mortas, ‘achadas’ e por ‘achar’, com milhares ou centenas de milhões de falantes! Carecemos de propagar o ‘doce’ idioma português... mesclado de nuances tropicais até à eternidade! Carecemos de ensiná-lo e amá-lo.

Correia, professora e investigadora, coordenadora do *Portal da Língua Portuguesa*, afirma que “[u]ma língua, qualquer língua, possui um léxico tanto mais extenso e rico quanto maiores forem as exigências que se lhe apresentam e a pluralidade de contextos e situações em que tiver de ser usada.”³¹ Acresce a especialista que

“[q]uanto mais as línguas crescem, mais mestiças se tornam - é inevitável. Foi mestiço o latim; são mestiças grandes línguas como o inglês, o espanhol, o francês, o português; a extensão dos seus vocabulários faz-se também por importação de palavras de outras línguas, nestas disponíveis para denominar conceitos que são novos para a língua recetora. A importação de palavras não é, por si só, uma desvantagem, mas carece de observação, análise e registo sistemáticos, processos que por aqui se confundem frequentemente com remoques puristas e prescrições pontuais, tantas vezes pouco fundamentadas.”

Uma notícia do jornal *Expresso* de 14 de fevereiro de 2016 anunciava que “[c]inco das maiores instituições portuguesas de ensino superior apostam nos cursos ensinados exclusivamente na língua de Shakespeare. O fenómeno é mundial e cresceu 300% em sete anos. Em Portugal há cerca de 90 mestrados que são dados exclusivamente em língua inglesa.”³² Na verdade, “longe vão os tempos em que os principais trabalhos

³⁰ Ferreira 2013: 160.

³¹ Correia 2021, *in* documento [em linha]: <https://www.dn.pt/opiniao/a-lingua-portuguesa-e-a-ue-13701193.html>. Consultado em 15 de outubro de 2021.

³² Franco, H. & Leiria, I., *in* documento [em linha]: <https://expresso.pt/sociedade/2016-02-14-Universidades-ja-ensinam-just-in-English>. Consultado a 15 de outubro de 2021.

científicos eram publicados em latim, alemão ou francês.”³³ A propósito deste assunto, diz-se, na mesma notícia, que

“[p]ara a linguista Inês Duarte, trata-se de “algo natural” e que começa a ser “interessante” para os estudantes estrangeiros que escolhem Portugal para aprofundar os seus estudos. “Mas tudo isto deve ser feito com o balanço certo”, adverte.

Esta especialista, que é professora na faculdade de letras da Universidade de Lisboa, sugere que, a exemplo do que se sucede noutras instituições estrangeiras, “estes alunos deveriam ter simultaneamente aulas e cursos em língua portuguesa.” É algo que já acontece com os alunos de Erasmus mas que deveria, na opinião desta especialista, estender-se aos estudantes que chegam de países fora da Europa. E deixa outro alerta: “O português não pode deixar de ser uma língua de ciência.”

Se se defende a biodiversidade biológica, pois qualquer alteração pode conduzir a alterações profundas, à extinção da vida na terra tal como a conhecemos, à catástrofe global, urge igualmente defender a necessidade a ‘biodiversidade’ das línguas. Somos contra a “eucaliptização” do uso da língua. O *vício dos livros* não pode deixar para trás todas as línguas em detrimento de uma só! Urge traduzir para português e para todas e pequenas línguas. Urge aumentar as línguas de trabalho em múltiplos organismos internacionais. Urge determinar todos os idiomas como línguas de trabalho em múltiplos organismos internacionais. Acabar de vez com uma espécie de ‘hipoxia’ na qual alguns idiomas sobrevivem. Todas as línguas merecem um merecido respeito e as histórias que os seus falantes contaram durante séculos ou milénios devem ser traduzidas para outros idiomas.

Olvidar ou pôr de lado a existência do português ou outras línguas é um crime tão grave como qualquer genocídio ou extinção em massa em termos biológicos. Terá o mesmo efeito que o denominado ‘aquecimento global’. As diferentes sociedades de múltiplas nações devem exigir, no mundo atual, que o ‘vício dos livros’ se expanda em variegadas línguas. A utilização de uma só língua, vista como superior, terá a mesma consequência nefasta à vida no planeta Terra que a monocultura em larga escala. Lembra-nos algo que levou ao hediondo genocídio ocorrido nas décadas de trinta e quarenta do século passado.

Aliás, uma parcela do conhecimento ocidental passou do grego para o siríaco, deste para o árabe e depois para o latim e finalmente para as línguas vernáculas europeias, no Renascimento europeu.³⁴ Felizmente, as línguas segundas ou não francas naquela época conservaram textos que haviam sido escritos em grego e em latim, as duas

³³ Idem, *Ibidem*.

³⁴ Cordeiro *in* documento [em linha]: <https://artciencia.com/article/view/25341/18681>. Consultado a 15 de outubro de 2021.

línguas de transmissão de conhecimento na época. Ironia, as línguas apelidadas de menos importantes acabaram por salvar preciosidades.

“Sem os livros, as melhores coisas do nosso mundo teriam caído no esquecimento.”³⁵ A leitura deve, por conseguinte,

“pertencer às actividades mais livres do ser humano e ter as mesmas características do amor, da amizade, do passeio. Mas não devemos imaginar por isso que todos se passeiam da mesma maneira ou amam da mesma maneira. Um amante que lê o seu amor com mais sabedoria ou profundidade é um amante diferente daquele que o faz na superficialidade («ler bem é uma arte»). Pousar um pé ou pousar um pé tem diferenças radicais. É a diferença de quem lê e de quem lê. Há muitos tipos de pegadas. Há muitos tipos de passeios.”³⁶

A leitura, sublinha Cruz, desafia o leitor a desenvolver uma transmutação potencial dentro de si próprio: “[a] dimensão da transformação dá-se proporcionalmente às capacidades do leitor, dentro daquilo que poderíamos considerar a potência do livro, a espessura do conteúdo.”³⁷ A mudança depende de cada um de nós, certos de que os livros nos completam e nos oferecem múltiplas vidas, certos que a língua portuguesa nas suas múltiplas e ricas variantes pluricontinentais há-de perdurar e nela continuaremos a tecer textos, a grafar as nossas emoções e memórias individuais e coletivas. Dos livros já lidos e de outros a ‘haver’ não nos deixemos cair no esquecimento e potenciemos a leitura.

LER para toda a eternidade como o túmulo de Leonor de Aquitânia³⁸!
Viciemo-nos, então, nos LIVROS e tornemo-nos mais livres!

BIBLIOGRAFIA

Bakker, E. J. (2005). *Pointing to the Past: From Formula to Performance in Homeric Poetics*. Cambridge: MA.

Barthes, R. (1978). *Crítica e Verdade*. Lisboa: Edições 70.

Clare, R. J. (2002). *The Path of Argo: Language, imagery and narrative in the Argonautica of Apollonius Rhodius*. Cambridge: Cambridge University Press.

Clay, J. S. (2011). *Homer's Trojan Theater. Space, Vision, and Memory in the Iliad*. New York: Cambridge University Press.

³⁵ Vallejo 2020a: 401.

³⁶ Cruz 2021: 64.

³⁷ Cruz 2021: 62.

³⁸ Manguel: 203-204.

- Colen, J. & Wigutow, S. (2015). *A Máscara de Platão – Uma introdução aos diálogos socráticos*. Lisboa: Editorial Aster.
- Cruz, A. (2021). *O vício dos livros*. Lisboa: Companhia das Letras.
- Diniz, F. G. M. (2010). *A passagem do cetra: aspectos dos personagens Hércules e Jasão na Argonáutica de Apolônio de Rodes*. Araquara – São Paulo: Universidade Estadual Paulista Faculdade de Ciências e Letras.
- Ferreira, V. (2013). *Pensar*. Lisboa: Quetzal.
- Kennedy, G. (1963). *The Art of Persuasion in Greece*. New Jersey: Princeton University Press.
- Lourenço, F. (2019a). *Iliada - Homero*. Lisboa: Quetzal.
- Lourenço, F. (2019b). *Odisseia - Homero*. Lisboa: Quetzal.
- Manguel, A. (2020). *Uma História da Leitura*. Lisboa: Tinta da China.
- Murray, P. (2004). *Classical Literary Criticism*. London: Penguin Classics.
- Pereira, M. H. R. (1993). *Estudos de História da Cultura Clássica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vallejo, I. (2020a). *O infinito num junco*. Lisboa: Bertrand Editora.
- Vallejo, I. (2020b). *Manifesto por la lectura*. Madrid: Ediciones Siruela.
- Vernant, J. (1996). *Mythe et pensée chez les Grecs*. Paris: Éditions La Découverte.

Bibliografia de formato eletrónico

- Cordeiro A. (2021). Documento [em linha]: <https://artciencia.com/article/view/25341/18681>. Consultado a 15 de outubro de 2021.
- Correia, M. (2021). Documento [em linha]: <https://www.dn.pt/opiniao/a-lingua-portuguesa-e-a-ue-13701193.html>. Consultado em 15 de outubro de 2021.
- Franco, H. & Leiria, I. (2016). Documento [em linha] <https://expresso.pt/sociedade/2016-02-14-Universidades-ja-ensinam-just-in-English>. Consultado em 15 de outubro de 2021.